

POLÍTICA ECONÔMICA

Econ. Brasil

Marcílio ganha trégua na inflação

Indexação atrapalha, mas há estoques de comida e as tarifas estão ajustadas

Inflação de 22%, ao mês pode ser boa notícia, pelo menos no Brasil. Especialmente depois de 30 dias de tensão política. A melhor surpresa foi o Índice de Preços por Atacado (IPA), com alta de 20,9%, em junho, 0,2 ponto menor que a de maio. Onde ficou, então, a onda de remarcações do início do mês, denunciada pelo presidente da República e reconhecida por empresários? Ou a onda não se espalhou pelo mercado ou simplesmente refluíu, quando a secretária nacional de Economia, Dorothea Werneck, suspendeu a reunião das câmaras setoriais. Sobraram marcas da agitação, porém, nos índices de preços. Os alimentos industrializados encareceram no varejo 24,5% no mês passado em São Paulo, se-

gundo a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP (Fipe). Essa alta foi 2,2 pontos maior que a da média dos alimentos consumidos em casa.

A maior parte dos aumentos ficou muito perto de 22%, como revelam os índices da Fipe, do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) e da Fundação Getúlio Vargas. Esse é um sintoma claro de indexação. Quem pode trata de corrigir seus preços com base em algum índice conhecido, como a taxa de câmbio, os juros ou o custo de vida. Isto cria um efeito cremalheira, dificultando a baixa da inflação mesmo com alto desemprego. Mas a persistência dos 22% — ou de números próximos — também mostra algo po-

sitivo: não há pressões suficientes, pelo menos por enquanto, para jogar a inflação para cima. Além disso, está claro que as condições de abastecimento são boas e há meios para se conter a especulação com preços de alimentos. Entre estoques oficiais e estoques financiados com opção de venda ao governo, há 8,5 milhões de toneladas de comida fora do mercado.

Do lado do consumo não há pressões. As compras para pagamento a prazo aumentaram na semana passada, quando as consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito, em São Paulo, saltaram de 25,4 mil, no dia 3, para cerca de 29 mil nos dias seguintes, até sexta-feira. Mas o acumulado ainda ficou 18,5% abaixo do movimento de igual

período em 1991. Depois, mesmo que se confirme um crescimento econômico de uns 3%, neste ano, a atividade ainda será muito baixa para forçar os preços.

Do lado dos preços públicos também não há necessidade de reajustes muito grandes. Itens como eletricidade, água, esgoto, telefone e combustíveis encareceram, no primeiro semestre, bem mais do que os demais componentes do custo de vida, segundo os dados da Fipe. Há, portanto, alguma folga. Tudo isso quer dizer que o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, tem a seu favor uma espécie de calma, em termos de inflação, para cuidar das reformas fundamentais. Mas é uma calma precária, que qualquer erro pode liquidar.